

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INCLUSIVA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Ana Carolina Machado Ferrari¹ - Senac Minas – carolferrari2000@yahoo.com.br
Fernanda Aparecida da Mata Abreu² - Senac Minas – mataabreu@yahoo.com.br

GT02 -Tecnologias Assistivas, Acessibilidade e Inclusão de PNEs

Palavras chave: Formação de professores; educação profissional de pessoas com deficiência;

Objetivo

Este trabalho tem por objetivo apresentar a experiência das autoras relacionada à formação continuada em serviço de docentes que atuam em cursos de formação profissional em uma instituição no estado de Minas Gerais. A formação continuada dos docentes da referida modalidade para a educação inclusiva insere-se em um contexto de grande expansão da Educação Profissional no Brasil, que se consubstancia pelo conjunto de Políticas Públicas instituídas nos últimos 10 anos em torno da modalidade de educação em questão. No entanto, a verdadeira inclusão perpassa a formação.

Metodologia

Participaram dessa formação 188 colaboradores, entre supervisores pedagógicos e docentes de 44 escolas de uma instituição de formação profissional do estado de Minas Gerais. A necessidade pela capacitação foi definida pela comissão de ações inclusivas da instituição, baseando-se nas demandas recebidas dos Centros de Educação Profissional - CEP. Vale ressaltar que tal comissão foi criada com o objetivo de assessorar os CEPs da instituição nas questões de acessibilidade e inclusão.

A partir dessa demanda, realizou-se o levantamento bibliográfico que contribuísse para o desenvolvimento dos conteúdos da capacitação docente.

Paralelamente fez-se uma busca no sistema acadêmico da instituição identificando em quais cursos havia alunos com deficiência. Também foi verificado com a assessoria de recursos humanos a quantidade de docentes e supervisores pedagógicos em cada CEP.

Durante a capacitação utilizou-se uma metodologia participativa, onde após a apresentação dos aportes teóricos pelos formadores, desenvolveu-se junto aos docentes e supervisores pedagógicos um plano de intervenção para atender as especificidades de seus alunos e, posteriormente, também participaram de uma atividade que simulava múltiplas deficiências.

Descrição

A formação se deu nas oito regionais nas quais a instituição se subdivide, abarcando todo o estado de Minas Gerais, entre os meses de Setembro e Outubro de 2014 e teve a duração de oito horas.

Inicialmente buscou-se identificar os conhecimentos que os docentes possuíam acerca da temática inclusão e quais eram suas expectativas. Gradativamente apresentou-se os aportes teóricos sobre a caracterização da pessoa com deficiência e de uma sociedade inclusiva

¹ Mestre em educação pela UFMG. Analista Educacional em Ações Inclusivas. Professora em cursos de pós-graduação na área da Educação Inclusiva. Pesquisadora voluntária no GEINE-UFMG

² Especialista em Psicopedagoga pela FAC. Analista Educacional em Ações Inclusivas.

(BRASIL, 2009), legislação sobre a inclusão educacional (BRASIL, 1989; 1996; 2000; 2005; UNESCO, 1994) e atual realidade da instituição, apresentando a quantidade de alunos com deficiência matriculados em cada regional.

Quanto à prática, solicitou-se aos participantes a elaboração de plano de intervenção baseado em alguma situação fictícia ou vivenciada em sua escola, informando a idade do aluno, o curso no qual ele se matriculou, as dificuldades que tiveram para tornar o curso acessível, informar se o aluno foi aprovado ou não e, caso não tivesse sido aprovado, relatar os motivos e quais as intervenções realizadas para atender às suas especificidades. Para isso, os participantes foram divididos em grupos aleatórios, com uma única regra: que cada grupo possuísse um supervisor pedagógico. Tal regra se deu para que os docentes e supervisores pedagógicos, através desse trabalho coletivo, compreendessem que o processo de inclusão do aluno com deficiência no ensino profissional vai além da sala de aula, sendo uma responsabilidade de todos. Ao final da elaboração do plano, cada grupo elegeu um representante para apresentá-lo aos demais.

Após a apresentação, foi realizada uma sensibilização denominada “Com Vivência”, onde os participantes simularam possuir deficiências. Cada grupo de formação (com média de vinte e cinco participantes) foi dividido em dois subgrupos: um formado por pessoas que vivenciariam as deficiências (uma média de 12 pessoas por grupo) e outro por pessoas sem deficiência.

Discussão

Inicialmente observou-se a angústia e preocupação dos participantes, não apenas quanto ao recebimento, mas também quanto ao progresso de seus alunos com deficiência. Expressões como “sair daqui pronto”, “não estamos preparados”, “não tenho formação” e “como faço com esse aluno” estiveram presentes em todas as oito regionais. No entanto, ao longo das discussões viu-se diluir boa parte dessa preocupação, uma vez que os participantes conseguiram atrelar a teoria apresentada com a realidade de suas escolas.

Na construção do plano de intervenção, todos os grupos das oito regionais participantes apresentaram casos vivenciados em suas escolas. A maioria dos casos apresentados (cerca de 75%) estavam relacionados aos cursos de formação técnica e formação inicial e continuada. As dificuldades relatadas estavam atreladas ao não conhecer as singularidades dos alunos, não se destacando dificuldades inerentes a (não) formação docente. Ao descreverem as intervenções, todos os relatos apontaram para o comprometimento dos envolvidos em se promover a inclusão destes alunos. Buscaram conhecer o aluno e suas especificidades através de contatos com a família e, principalmente com o próprio aluno.

Entendemos a importância da formação dos docentes para a promoção de uma educação inclusiva (SILVA E ARRUDA, 2014). No entanto, compreendeu-se que faz essencial a sensibilidade do docente para compreender as singularidades de cada aluno, independente de se ter ou não uma deficiência. Talvez esse seja o diferencial.

Na sensibilização, os participantes sem deficiência auxiliaram os que simulavam possuir uma deficiência durante um “passeio” pelas escolas e, posteriormente, no lanche da tarde. Os que experienciaram as deficiências relataram as angústias sentidas em relação à dependência do outro para se realizar atividades simples, como descer ou subir escadas e se alimentar. Tal relato esteve presente no discurso de praticamente todos os que vivenciaram a cegueira. Os que não possuíam deficiência também relataram suas angústias quanto ao atendimento às necessidades dos colegas, chegando a expressar o sentimento de “deficiência” em não saber lidar em certas situações.

Ao relacionarem essa vivência com as práticas desenvolvidas em sala de aula e relatadas nos planos de intervenção, os participantes compreenderam que somente a formação

continuada não garante a preparação para inclusão na educação profissional. As experiências oportunizaram a reflexão de que essa preparação também se dá no dia a dia, na construção dos saberes com o outro, uma vez que o processo de ensino aprendizagem ocorre também através das interações (FREIRE, 1981).

Considerações Finais

O desenvolvimento deste trabalho permitiu uma reflexão quanto aos paradigmas ainda existentes quanto à inclusão dos alunos com deficiência nos cursos profissionalizantes. Embora o discurso inicial tenha apontado a (não) preparação docente como um dos dificultadores do processo inclusivo, ao longo da formação todos os envolvidos compreenderam que, no dia a dia, o processo inclusivo já acontecia, talvez não com essa nomenclatura.

Essa capacitação docente não pode ser considerada como encerrada, pois as discussões que acaloraram seu desenvolvimento abriram campos para sua continuidade.

Os diálogos ao longo da formação proporcionaram um pensar quanto à ação docente para uma educação que atinja a todos. Conhecer seu aluno e sua singularidade e construir seu conhecimento através das relações sociais estabelecidas em sala de aula, compreendendo que todos possuem limitações e potencialidades, fazem do docente um dos protagonistas do processo de formação desse aluno.